

Deus Uno e Trino e a Sua Obra: Autocomunicação e Comunhão

Resumo

Partindo de uma breve análise do mistério de Deus como amor, sendo um mistério de autocomunicação integral e comunhão total, o autor expõe a obra de Deus como um “prolongamento” desta autocomunicação intratrinitária para “fora”. Isto vale, embora de modo diferente, tanto para o ato criador de Deus como para a Sua autocomunicação através da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. O efeito desta autocomunicação é uma participação da comunhão da Santíssima Trindade por parte das criaturas. Uma posição singular tem a imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, como “obra-prima” dessa autocomunicação divina. A Igreja se origina da autocomunicação do Filho encarnado, no Espírito Santo, e é o “sacramento” da mesma. Por isso, “por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade” (CIC n. 738). Tal comunhão se realiza pela comunhão com Cristo, o Filho feito homem. Por isso, toda a autocomunicação divina às criaturas tem por meta as “núpcias do Cordeiro”, a perfeita união do “Esposo”, que é o homem-Deus Jesus Cristo, e da “Esposa”, que é a Igreja chegada à sua última perfeição. A esta esposa perfeita pertencem então também os santos anjos, pois a presença perfeita do Espírito Santo neles se ordena à união com Cristo; não somente à união com Cristo como Deus, mas também como homem, como “Esposo” daquelas “núpcias” que são a meta de toda a autocomunicação divina às criaturas pela missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.

Summary

Starting from a brief analysis of the mystery of God as love, which is a mystery of integral self-communication and total communion, the author exposes the work of God as an “extension” of this intra-trinitarian self-communication to the “outside.” This applies, albeit differently, to both the creative act of God and His self-communication through the joint mission of the Son and the Holy Spirit. The effect of this self-communication is a sharing in the communion of the Holy Trinity by creatures. A unique position has the immaculate Virgin Mary, Mother of God, as the “masterpiece” of this divine self-communication. The Church stems from the self-communication of the incarnate Son, in the Holy Spirit, and is its “sacrament”. Therefore, “in her whole being and in all her members, the Church is sent to announce, bear witness, make present, and spread the mystery of the communion of the Holy Trinity” (CCC 738). Such communion is accomplished through communion with Christ, the Son of God made man. Therefore, all the divine self-communication to creatures is aimed at the “nuptials of the Lamb”, the perfect union of the “Spouse”, the God-man Jesus Christ, and the “Bride”, the Church in her ultimate perfection. To this perfect bride belong also the holy angels, for the perfect presence of the Holy Spirit in them is ordained to union with Christ; not only to union with Christ as God but also as man, as the “Bridegroom” of those “nuptials”, which are the goal of all divine self-communication to creatures by the joint mission of the Son and the Holy Spirit.

* * *

I. Deus que é Amor: mistério de autocomunicação integral e de comunhão total

1. Deus: mistério de perfeita autocomunicação e comunhão

Iluminados pela Revelação divina, o povo de Israel chegou a reconhecer que Deus é *um* só e que Ele é “*Aquele que É*” (Ex 3,14s). Neste nome está contida a verdade de que a essência de Deus é *ser*. N’Ele, o ser não é limitado por alguma essência que não seja o próprio ser.

Ora, pela encarnação do Filho de Deus e a vinda do Espírito Santo se tornou possível reconhecer que, em sua *perfeição infinita*, o *ser* é também um mistério feliz de *autocomunicação* e *comunhão*. Deus é o mistério da união absolutamente perfeita entre três pessoas. É uma união que é *comunhão total* entre as pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo têm *tudo* em comum. A teologia cristã reconheceu que esta comunhão de pessoas se explica por duas ações de *autocomunicação integral*, chamadas de “*geração*” (do Filho) e “*espiração*” (do Espírito Santo). Havendo comunhão total entre as três pessoas divinas, elas são *um* só Deus, o único Deus.

Chega-se a reconhecer a presença de *autocomunicação* em Deus – exatamente de *duas* autocomunicações –, quando se considera também a *distinção* entre as três pessoas divinas. Sendo verdadeiramente pessoas, deve haver uma distinção real entre elas. Esta distinção não pode consistir em algo absoluto, isto é, no ser divino (que é idêntico ao agir divino), mas só pode consistir na *oposição* de *relações de origem*. Do contrário, haveria três Deuses, não existiria uma comunhão *total* entre as três pessoas. Os nomes “Pai” e “Filho” são, de fato, nomes *relativos*, e assim se deve entender também o nome “Espírito Santo”. São nomes “relativos”, isto é, exprimem uma relação e são absolutamente simultâneos, pois não se pode pensar “pai” sem pensar ao mesmo tempo “filho”, uma vez que não existe um pai se não há um filho dele. A relação que o nome “pai” ou “filho” exprime – relação de “paternidade” ou “filiação” – é uma relação de *origem*, pois o pai é a origem do filho. E Deus Pai é, juntamente com o Filho, também a origem do Espírito Santo.

De acordo com a linguagem bíblica se fala de duas “processões”¹. O “Filho” procede do Pai por “geração”; o “Espírito” Santo procede do Pai

¹ Cf. Jo 8,42 (na tradução latina: “ex Deo processi”); 16,28; 15,26; 17,8.

e do Filho por “espiração”. Come entender estas duas origens, a geração e a espiração?

Não como um vir-a-ser, quer dizer: o Filho ou o Espírito Santo *não começam* a existir pela ação de “gerar” ou “espirar” por parte do Pai ou, respectivamente, por parte do Pai e do Filho. As duas pessoas procedentes são eternas como a pessoa da qual procedem. Portanto, existe eternamente a pessoa do Filho, mas como “Filho”, isto é, como a pessoa cuja origem eterna é o Pai; e a pessoa do Espírito Santo existe eternamente como a pessoa cuja origem são o Pai e o Filho.

Ora, esse “gerar” ou “espirar” é uma *autocomunicação integral*. O que o Pai, “gerando”, comunica é todo o Seu Ser divino, tudo o que significa ser Deus, toda a divindade, todo o oceano infinito de ser, vida, luz, conhecimento e amor. O mesmo se deve dizer da “espiração”: é *autocomunicação integral* do Pai e do Filho. Falando de “comunicação”, porém, não se deve pensar o Filho ou o Espírito Santo como um tipo de recipiente preexistente ao ato de comunicar. Não é que o Pai comunica todo o Seu Ser divino “ao Filho” que preexiste a esta comunicação. O Filho existe como “o Gerado do Pai”, como aquele que tem Sua origem no Pai, como quem “procede” do Pai. Aqui se pode notar alguma semelhança desse ato de gerar com o ato de criar. Mas este gerar divino é essencialmente diferente da criação. Por isso, o Símbolo niceno-constantinopolitano diz do Filho: “*nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai*”. É, portanto, uma verdadeira “geração” (pois a pessoa procedente é “Filho”), mas – digamo-lo mais uma vez – é geração *eterna*, sem um “antes” e “depois”, sem um vir-a-ser do Filho; Ele é eternamente o Gerado do Pai, Aquele que tem Sua origem no Pai. Eis a “geração” eterna como um ato de *autocomunicação integral* do Pai. O mesmo se diga, então, da processão do Espírito Santo como uma autocomunicação integral por parte do Pai e do Filho, a qual, no entanto, não é “geração”; o Espírito Santo não é um segundo “Filho”.

Uma vez que as duas autocomunicações são *integrais*, a união entre as pessoas divinas é uma comunhão *total* entre três pessoas realmente distintas. Sem dúvida, para a nossa inteligência limitada, fica um mistério como são possíveis as duas coisas: a *comunhão total* das pessoas (têm *tudo* em comum) e, ao mesmo tempo, a verdadeira e real *distinção*

das pessoas. Não é, porém, uma contradição afirmar que Deus Pai não Se distingue de Deus Filho *como Deus*, mas Se distingue realmente do Filho como *Pai*. A paternidade se distingue claramente da filiação, pois é a relação *oposta* à filiação, e vice-versa.

Deste modo, o mistério de Deus se apresenta a nós como uma *realização perfeita* – além daquilo que podemos entender com a nossa limitada inteligência humana – do que deseja quem *ama* ardentemente outra pessoa: tornar-se *um* com ela, o quanto for possível. Ora, Deus nos revelou que n’Ele é possível uma perfeição de união que não é possível entre pessoas criadas.

2. Deus: mistério de amor

Deus é, por conseguinte, mistério de *amor*; é o mistério do amor de *perfeição infinita*. O Apóstolo João no-lo diz com clareza: “Deus é amor” (1 Jo 4,8). Considerando o amor humano, podemos reconhecer que o amor tem ou é uma força *unitiva*; é próprio do amor desejar a *união* com o amado, se esta união não já existe. Se existe, o amor, ou seja, a pessoa que ama, goza desta união. Como esta característica do amor se aplica a Deus?

Deus é amor; o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um eterno e infinito ato de amor. É o mesmo e idêntico ato de amor; não são três atos realmente distintos. No entanto, este único ato de amor, enquanto se identifica com a relação de paternidade, enquanto, portanto, é a pessoa do Pai, é ato de *amor “paterno”*, quer dizer: é ato de amor de quem é *origem* do Filho, e também o é do Espírito Santo.

Este único ato de amor, enquanto se identifica com a relação de filiação, isto é, enquanto é a pessoa do Filho ou, em outras palavras, enquanto esta relação de filiação é ato de amor, tal ato de amor é ato de *amor “filial”*, ou seja: é ato de amor que procede do Pai por “geração”². O Filho ama, portanto, o Pai com o mesmo e idêntico amor com o qual é amado pelo Pai, mas Ele é amor “filial”; o Filho é amor que tem sua origem no Pai. Por

² Na teologia latina ou ocidental – a partir de Santo Agostinho, que desenvolveu a teologia trinitária dos Padres orientais do século IV –, esta “geração” é reconhecida, sob o aspecto determinante, como ato de *conhecimento* do Pai: o Filho gerado é a “Palavra” (o Logos) do Pai, comparável ao conceito (a “palavra” da mente) que nós formamos com o ato de conhecimento intelectual; o conceito procede do nosso ato de entendimento.

isso mesmo, o Filho, como ato de amor, é, de alguma maneira, a *resposta* ao amor do Pai. Ele é *amor-resposta*. Isto faz parte da Sua propriedade pessoal como “Filho”.

O Espírito Santo, por Sua vez, é igualmente esse único e idêntico ato de amor. Mas o é enquanto este ato de amor se identifica com a relação de “espiração passiva”³, enquanto, portanto, é a pessoa do Espírito Santo, que é esta relação de origem, mas como relação *subsistente*. No caso do Espírito Santo podemos indicar a Sua propriedade pessoal quanto ao amor, dizendo que é o *amor “procedente”*, ou seja: é o ato de amor que procede do ato de amor do Pai e do Filho. O Espírito Santo é o *amor* no sentido de que Ele é o “*fruto*” do amor mútuo e comum do Pai e do Filho. Enquanto o Filho procede, sob o aspecto determinante, do ato de *conhecimento* do Pai, o Espírito Santo procede, sob o aspecto determinante, do ato de *amor* do Pai e do Filho.⁴ O Espírito Santo é o que *procede* do ato de amor de duas pessoas. Quando duas pessoas se amam, existe o *amor* entre eles, quer dizer: produz-se algo que não podemos denominar com outro nome do que “*amor*”, embora o conceito “amor” signifique também o *ato* de amar. Assim, o Espírito Santo é ato divino de amor, mas o é como “amor procedente”, ou seja, como *amor-fruto-de-amor*, amor que é fruto do ato de amor do Pai e do Filho. Ora, este “amor” é a *união* de amor entre o Pai e o Filho.

Isto nos faz reconhecer em Deus a característica do amor como força *unitiva*. Podemos, de fato, dizer que o mistério de Deus-Amor é o mistério

- de *dois Amantes* que Se amam reciprocamente com um só e mesmo ato de amor, sendo um deles *Pai* e o outro *Filho*, quer dizer: o primeiro é a *origem* do outro amante e este é aquele que tem tudo (portanto, o próprio ato de amor com que ama) do primeiro amante, sendo Seu amor, por conseguinte, como uma “resposta” ao amor do Pai, e
- o *Amor* (a união, comunhão) entre Eles.

³ É a relação de origem do Espírito Santo ao Pai e ao Filho, relação para a qual nos falta uma palavra que designe uma *relação*, não uma *ação*.

⁴ É claro que nas pessoas divinas o ato de conhecer e o ato de amar não se distinguem *realmente*. Pela absoluta simplicidade de Deus, Ele é inteiramente ato de conhecer e inteiramente ato de amar e não se trata de dois atos realmente distintos.

Quando se trata do amor entre duas pessoas humanas, falamos de “união afetiva”. São Tomás de Aquino⁵ diz muito bem que a união pode ser

1. a *causa* do amor;
2. essencialmente *o próprio amor*;
3. o *efeito* do amor.

A união que é essencialmente o próprio amor é a união “afetiva” (“unio secundum coaptationem affectus”⁶). Se duas pessoas se amam verdadeiramente, existe essa união de amor ou união no amor. Quando duas pessoas realizam um ato de amor, há *ipso facto* união afetiva entre elas, pois do ato de amor procede algo (logo no início do ato, não como um efeito conclusivo do ato) que – como já vimos – chamamos “amor”. Da união afetiva provém o desejo da união *real*.

O Espírito Santo é em Deus o que é, entre pessoas criadas, o “amor” como união afetiva. Em Deus, porém, este amor é uma *pessoa*, um ser *subsistente e eterno*. Por isso, o Espírito Santo é, em pessoa, a *união de amor* entre o Pai e o Filho. Ele é, como pessoa, a *comunhão perfeita, total* entre Eles; é o *Amor-Comunhão*, como também é *Amor-Dom*.⁷

Sendo a comunhão absolutamente *perfeita*, isto é, total, como também *eterna*, nas pessoas divinas não pode haver, quanto ao amor entre elas, nada de *desejo* de união – que pressupõe a união real ainda não perfeitamente realizada –, mas somente a *felicidade* do amor: o gozo da união com o amado.

É a felicidade do Pai como amor *paterno*: a felicidade de quem, conhecendo e amando, *Se comunica a Si mesmo* pela geração do Filho e pela “expiração” do Espírito Santo, e assim Ele é o que é: “a fonte e a origem de toda a divindade”⁸. Também é a felicidade daquele que tem como Seu bem o Filho, *Se compraz em Seu Filho*, o qual é a resposta perfeita ao

⁵ Cf. *S.Th.* I-II, q. 28, a. 1; q. 25, a. 2, ad 2.

⁶ *S.Th.* I-II, q. 28, a. 1, ad 2.

⁷ O Papa João Paulo II escreveu do Espírito Santo como do “Amor-Dom incriado”, e explicou: “Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e ainda, que no Espírito Santo Deus «existe» à maneira de Dom. O Espírito Santo é a *expressão pessoal* desse doar-se, desse ser-amor. É Pessoa-Amor. É Pessoa-Dom” (Encíclica *Dominum et vivificantem*, n. 10).

⁸ *CIC* n. 245, citando o sexto Concílio de Toledo: DS 490.

Seu amor; assim também tem como Seu bem o Espírito Santo como a pessoa que, como tal, é a comunhão ou união de amor com Seu Filho.

É a felicidade do Filho como amor *filial*: a felicidade de quem existe como pessoa pela autocomunicação do Pai e tem como Seu bem o Pai, por quem é amado. Também é a felicidade de quem, dando a *resposta de amor* ao Pai, *Se comunica a Si mesmo*, juntamente com o Pai, pela “espiração” do Espírito Santo, tendo assim também como Seu bem o Espírito Santo como quem é, em pessoa, a comunhão ou união de amor com Seu Pai.

É a felicidade do Espírito Santo como amor-*comunhão*: a felicidade de quem existe como pessoa pela autocomunicação do Pai e do Filho e tem como Seu bem o Pai e o Filho, de cujo ato de amor mútuo e comum procede. Certamente, o Espírito Santo também é amado pelo Pai e pelo Filho, mas a característica própria da Sua pessoa não é a de ser o amado do Pai e do Filho. A característica do Filho é a de ser o amado do Pai que, “respondendo”, ama o Pai, enquanto a característica do Pai é a de ser aquele que ama como a origem de todo o amor e é amado por quem d’ele procede. Neste sentido – empregando pronomes pessoais para indicar a posição própria na vida divina trinitária – o Pai é o “*Eu*”, ao passo que o Filho é o “*Tu*” do Pai (um “*Eu*” que procede de outro “*Eu*” é o “*Tu*” do primeiro). E o Espírito Santo? Ele é o “*Nós*” do Pai e do Filho, a comunhão d’Eles, em pessoa. Por isso, pode também ser caracterizado como “uma pessoa em duas pessoas”⁹. Sendo assim, a felicidade do Espírito Santo é, sim, a de ser amado pelo Pai e pelo Filho e de amar amá-los, mas a felicidade característica deste amor ao Pai e ao Filho é de ser para Eles a *Sua comunhão de amor*. Se “amar é querer algo de bom para alguém”¹⁰, o bem que o Espírito Santo quer ao Pai e ao Filho é Ele mesmo como a comunhão de amor d’Eles.

⁹ A propriedade pessoal do Espírito Santo é a de ser *relação* de origem subsistente *ao Pai e ao Filho* (“espiração passiva”). Por isso, quando se considera a “pericorese” das pessoas divinas (uma pessoa estar totalmente na outra, uma penetrar totalmente a outra) em virtude das *relações de origem*, o Espírito Santo é “*uma pessoa em duas pessoas*”, ao passo que o Filho é, em virtude da relação de filiação, uma pessoa (Filho) em outra pessoa (Pai).

¹⁰ Cf. *CIC* n. 1766, citando São Tomás, *S.Th.* I-II, q. 26, a. 4: “amare est velle alicui bonum”.

II. A obra de Deus: comunicar Seu mistério de amor pelo envio do Filho e do Espírito Santo

O Catecismo da Igreja Católica expõe muito bem o fundamento do nosso tema. Transcrevemos, por isso, todo o número 236 do Catecismo:

Os Padres da Igreja distinguem entre a “Theologia” e a “Oikonomia”, designando com o primeiro termo o mistério da vida íntima do Deus-Trindade e com o segundo todas as obras de Deus por meio das quais ele se revela e comunica sua vida. É mediante a “Oikonomia” que nos é revelada a “Theologia”; mas, inversamente, é a “Theologia” que ilumina toda a “Oikonomia”. As obras de Deus revelam quem Ele é em si mesmo e, inversamente, o mistério de seu Ser íntimo ilumina a compreensão de todas as suas obras. Acontece o mesmo, analogicamente, entre as pessoas humanas. A pessoa mostra-se em seu agir e, quanto melhor conhecermos uma pessoa, tanto melhor compreenderemos seu agir.

No primeiro capítulo refletimos sobre “o mistério da vida íntima do Deus-Trindade” como sendo um mistério de amor, de autocomunicação integral e de comunhão total. Ora, “*o mistério de seu Ser íntimo ilumina a compreensão de todas as suas obras*”. É o que agora nos propomos expor.

Qual é a obra ou quais são as obras de Deus? É tudo o que Deus faz para estender, de alguma maneira, o Seu mistério de *amor*, que é mistério de *autocomunicação e comunhão perfeitas*, para “fora” da vida intradivina. Como?

1. A processão das criaturas de Deus Criador: o fundamento para a autocomunicação de Deus “para fora”

Naquela felicidade de Deus como amor, que acima tentamos expor brevemente, o Pai, com o Filho e o Espírito Santo, quer fazer participar outros seres desta felicidade. Isto significa que quer fazê-los participar da Sua vida, mistério de amor¹¹, de união, de comunhão trinitária.

Para realizar isso, precisam existir outros seres. Por isso, a obra fundamental de Deus é a *criação* de outros seres.

Deus faz existir tais seres com um ato eterno de conhecimento e amor. As criaturas não são eternas, começam a existir, mas o ato criador é eterno. Ora, este ato criador de conhecimento e amor não se distingue realmente

¹¹ Evidentemente, o amor pressupõe o conhecimento. Deus conhece e ama com perfeição infinita.

do ato de conhecimento do qual (enquanto este se identifica com a relação de paternidade, ou seja, com a pessoa do Pai) procede o Filho, a Palavra, como não se distingue do ato de amor do qual (enquanto este se identifica com a pessoa do Pai e a pessoa do Filho) procede o Espírito Santo. Estamos, portanto, diante do fato das “*processões*” *intradivinas* (o Filho e o Espírito Santo procedem na divindade) e da “*processão*” *extradivina* das criaturas (a processão “para fora”, ou seja, aquilo que procede não é Deus). Nisto se reconhece a grande diferença: a processão do Filho e do Espírito Santo é processão na *unidade da essência*, ao passo que a processão das criaturas é processão na *diversidade da essência*.

Na processão intradivina, o que é comunicado é o próprio ser divino e, por isso mesmo, a comunicação é integral e a comunhão é total e imediata, eterna; não precisa, de modo algum, ser alcançada.

Na processão das criaturas de Deus não é comunicado o ser divino. A criatura que surge com o divino ato criador é *infinitamente inferior* ao ser divino, embora este seu ser criado não deixe de ser alguma participação do ser divino. Deus é, existe; também a criatura é, tem existência, mas existe de um *modo totalmente diverso* de como existe Deus. Uma consequência deste fato é a seguinte: a criatura que assim – isto é, pelo ato criador de Deus – surge não está já, imediatamente, em comunhão com as três pessoas divinas, não participa já do mistério da vida divina de perfeita autocomunicação e comunhão. Com o ato criador, as pessoas divinas ainda não Se doam a Si mesmas às pessoas criadas para uma comunhão interpessoal; ainda não se realiza propriamente a *autocomunicação* de Deus às criaturas. Simplesmente se faz existir aqueles aos quais Deus Se quer comunicar por alguma extensão da autocomunicação e comunhão intradivina.

Apesar da grande diferença entre a processão das pessoas divinas e a processão das criaturas, existe também alguma *semelhança* ou uma *conexão* entre elas, como acima já ficou indicado. Por isso, São Tomás de Aquino podia afirmar que as processões intradivinas são “causa” e “ratio”, causa e razão das processões extradivinas, isto é, da processão das criaturas da mão criadora de Deus.¹² Em outras palavras: as proces-

¹² *S.Th.* I, q. 45, a. 7, ad 3: “as processões das Pessoas são, de certa forma, *causa* e *razão* da criação (*causa et ratio creationis aliquo modo*)”; cf. *S.Th.* I, q. 45, a. 6, ad 1. Igualmente: *In I Sent.* d. 2, q. 1, prooemium: “Exitus enim personarum in unitate es-

sões extratrinitárias aparecem à razão iluminada pela fé como o “prolongamento” e a “exteriorização” das processões intratrinitárias, isto é: o entender e o querer divinos, antes de estarem na origem *da criação e do governo das criaturas*, estão em Deus na origem *do Verbo e do Espírito Santo*. Se as criaturas são contingentes, o ato divino criador, ato de amor, *não é contingente*. Não é um segundo ato, acrescentado àquele pelo qual Deus ama a Si mesmo e amando-Se “espira” o Espírito Santo. É o mesmo ato, considerado em relação a objetos contingentes. Desde toda a eternidade, Deus *pensa no Verbo* o universo de criaturas, *quer* este universo *no Espírito*, com um *ato* que n’Ele é *necessário*, enquanto *não é necessário* o seu objeto.

Recapitulando: Deus-Trindade, na alegria de Sua comunhão total por autocomunicação integral, em absoluta *liberdade*, quer *estender* esta maravilha de comunhão e autocomunicação *a outros seres*. Para isso, em primeiro lugar, os *faz existir*, por um ato Seu de conhecimento e vontade.

Com a existência de criaturas, começa a existir *outro tipo* de *distinção* e *união*, diverso da distinção e união em Deus mesmo. Agora a distinção é de *essência*: as criaturas não têm a essência divina e também entre elas existe a diferença de essência. Existe, portanto, distinção *vertical*: entre Deus-Criador e as criaturas, e distinção *horizontal*: entre criatura e criatura ou também entre um tipo de criatura e outros tipos de criatura, a saber: o ser criado meramente *espiritual*: os anjos; o ser criado meramente *material*: o cosmo material; o ser criado ao mesmo tempo *espiritual e material*: o homem¹³.

A distinção fundamental é aquela entre a *criatura* e *Deus*; esta é a fundamental e a maior. Mas Deus criou as criaturas para a *união consigo*; criou as criaturas que são pessoas para uma participação na Sua própria comunhão trinitária. Deste modo, Ele criou as criaturas também para uma união *entre elas*, em Deus.

sentiae est *causa* exitus creaturarum in essentiae diversitate”. “Postquam determinavit Magister de processione divinarum personarum in unitate essentiae, quae est *principium* creaturarum et *causa*” (*In I Sent.*, d. 35, q. 1, prooemium).

¹³ Neste nível da distinção “horizontal” (distinção entre as criaturas) existem também distinções “verticais” entre as criaturas: os diversos níveis de perfeição, pela diversidade de essência (natureza).

Podemos, além disso, constatar o seguinte: quanto mais *perfeita* for a criatura (segundo a sua essência), mais perfeitamente ela se *distingue* das outras criaturas: um animal se distingue mais perfeitamente de outro animal, inclusive da mesma espécie, do que uma planta se distingue de outra planta; uma pessoa humana se distingue mais perfeitamente de outra, do que um animal de outro animal; um anjo (pessoa puramente espiritual) se distingue mais perfeitamente de outro anjo do que um homem de outro homem. A esta constatação se deve acrescentar mais uma: quanto mais clara for a distinção, tanto maior é também a possibilidade de união, de autocomunicação e comunhão. Por exemplo, a união que pode existir entre animais é menos perfeita do que a união-comunhão que as pessoas humanas podem realizar entre si. Porém, a união fundamental para qualquer outra união perfeita é a união da criatura *com Deus*; para esta união, Deus a criou.

2. Deus “estende” a autocomunicação intradivina às criaturas: o envio do Filho e do Espírito Santo

Como é que Deus estende a autocomunicação intradivina às criaturas, realizando assim a comunhão das mesmas consigo mesmo e entre elas? Ou em outras palavras: como é que Deus Se manifesta e Se doa às Suas criaturas? Como, portanto, Se comunica a Si mesmo a elas? A resposta é a seguinte: pela *missão do Filho e do Espírito Santo*.

Para entender esta resposta, é preciso saber o que é a “missão” ou o “envio” de uma pessoa divina. É um certo *prolongamento da Sua processão eterna*. O envio do Filho por parte do Pai é um certo prolongamento da geração eterna do Filho por parte do Pai; o envio *é esta geração*, acrescentando, porém, um *termo temporal* desta processão, ou seja, um efeito no mundo das criaturas, pelo qual há uma *nova presença* da pessoa do Filho no mundo criado. Pode-se dizer que a geração do Filho é Sua origem da parte do Pai “*para ser Deus*”, quer dizer: o termo desta processão é eterno, é a Pessoa divina do Filho na divindade. O termo da geração “prolongada” para dentro do mundo criado é a Pessoa divina do Filho *entre os homens* ou, mais diretamente, a Pessoa do Filho como pessoa de uma *natureza humana individual*: o Filho, que é pessoa de na-

comunica a Si mesmo às pessoas criadas *enviando* as pessoas que d’Ele procedem.

O Espírito Santo, por Sua vez, não pode doar-Se às pessoas criadas a não ser como aquele que é, isto é, como aquele que procede do Pai e do Filho, como aquele, portanto, que se pode caracterizar com a expressão “duas pessoas numa só pessoa”¹⁵; por isso, como aquele no qual também estas duas pessoas, o Pai e o Filho, Se doam.

E o Filho? Evidentemente também Ele Se comunica a Si mesmo de acordo com Sua característica pessoal, diferente daquela(s) do Pai e daquela do Espírito Santo. Esta característica (determinante da Sua personalidade própria) é que Ele, de um lado, procede do Pai, mas também é pessoa da qual procede o Espírito Santo. Sendo assim, Ele é, de um lado, enviado pelo Pai e, por outro lado, juntamente com o Pai envia o Espírito Santo. Quanto a esta última característica de enviar o Espírito Santo, sendo origem eterna d’Ele, o Filho Se doa, com o Pai, *no* Espírito Santo. Enviar outra pessoa divina, doá-la a uma pessoa criada, significa, de fato, doar-Se *na* pessoa divina enviada a essa pessoa.

Mas o fato de o Filho ser origem eterna do Espírito Santo não constitui uma característica *própria* d’Ele, isto é, não é só d’Ele, pois Ele a tem em comum com o Pai. A *propriedade pessoal* do Filho se encontra no fato de que Ele *procede do Pai*, é o Gerado do Pai. Ora, como vimos, o envio do Filho é um “prolongamento” da Sua geração por parte do Pai. Por isso, como enviado por parte do Pai, o Filho Se comunica a Si mesmo às criaturas de um modo *próprio*, distinto do modo do Espírito Santo. A missão do Filho é *distinta* daquela do Espírito Santo, como são distintas as duas pessoas. E como as pessoas estão unidas, assim também a missão do Filho e a do Espírito Santo estão unidas, são uma missão *conjunta*.

A missão do Filho corresponde à Sua característica pessoal de ser o “*Tu*” do Pai, isto é, de *proceder* do Pai e *só* do Pai. Por tal processão existe a relação recíproca de “Eu”–“Tu”; é a reciprocidade das relações ontológicas de paternidade e filiação (“Pai”–“Filho”). Podemos, então, descrever o envio do Filho da seguinte maneira:

Ele é enviado pelo Pai, em primeiro lugar, *para ser homem*, para ser, *como homem*, o “*Tu*” do Pai, isto é, uma só pessoa, mas que é ao mesmo

¹⁵ Cf. Jean GALOT, *Chi è lo Spirito Santo?*, em: *Civiltà Cattolica* 3023 (1976) 442.

tempo Deus (o eterno “Tu” do Pai) e homem (o mesmo “Tu” do Pai, mas sendo homem). Deste modo, realiza-se a autocomunicação do Filho ao mundo criado, fazendo-Se Ele *parte* deste mundo, especificamente do mundo dos homens. Como homem entre os homens, pode então estabelecer relações interpessoais com os outros homens: “A Palavra Se fez carne e veio *morar entre nós*” (Jo 1,14). Mas, enquanto estas relações ficarem simplesmente no nível de comunhão de homem com homem, o envio do Filho não atingiu ainda seu fim. Pois a finalidade do envio – seja o do Filho, seja o do Espírito Santo – é a seguinte: *estender a autocomunicação intradivina às criaturas*, fazendo as pessoas criadas, assim, entrar em *comunhão com a pessoa divina*, fazendo-as participar da *comunhão de Deus-Trindade*.

O Filho, na verdade, é enviado pelo Pai para *ser homem* (Filho encarnado no meio dos homens) e também para, finalmente, *estar nos homens*. O Apóstolo João o diz com suficiente clareza no seu evangelho. Primeiro diz que “a Palavra Se fez *carne* e veio *morar entre nós*” (Jo 1,14), para então, no capítulo sexto, relatar uma mensagem central de Jesus. É esta: “É meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu” (6,32), isto é, o Pai envia Seu Filho como o pão “que desce do céu e dá vida ao mundo” (v. 33; cf. vv. 38 e 51). E o que Jesus dá como o pão descido do céu é verdadeiramente Ele mesmo, o Filho *encarnado*, o Verbo *feito carne*: “O pão que Eu darei é a minha *carne*” (v. 51; cf. vv. 53-55). Deste modo, o Filho encarnado estará *nos* homens numa comunhão e “*pericorese*” (imanência recíproca) inefáveis: “Quem come minha carne e bebe meu sangue *permanece em mim, e Eu nele*” (v. 56).

A finalidade do envio do Filho por parte do Pai é, por conseguinte, doar Seu Filho – e n’Ele a Si mesmo – para uma comunhão não meramente humana, mas *divina* com os que O acolhem: *comunhão com o Filho encarnado*, comunhão esta que os faz participar também da *comunhão do Filho com Deus Pai*. Ora, esta comunhão é, em pessoa, o Espírito Santo. Por isso, se diz com razão que é participação da comunhão do Filho com o Pai *no Espírito Santo*.

Eis, portanto, a razão porque, para realizar tal comunhão, a missão do Filho *comporta e inclui a missão do Espírito Santo*.¹⁶ Esta missão corresponde à característica pessoal do Espírito Santo. Ele é o “*Nós*” do Pai e do Filho, a *comunhão de amor* d’Eles; é “uma pessoa em duas pessoas”, é, como pessoa, o vínculo de união do Pai e do Filho. Por isso, o envio do Espírito Santo é *diretamente às pessoas* criadas; é enviado para estar *nas* pessoas. As pessoas recebem assim aquele que é na divindade a comunhão de amor, o vínculo de união. Pelo envio, o Espírito Santo, que na divindade é “uma pessoa em duas pessoas”, é então “uma pessoa em *muitas* pessoas”, e assim se estende a maravilha da comunhão divina trinitária a estas pessoas.

Vimos que o envio de uma pessoa divina significa a Sua processão com uma *nova presença* (diferente da onipresença divina) nas criaturas. Como se realiza esta nova presença da pessoa divina? Por uma determinada *mudança* na realidade *criada*, causada por Deus. Qual é esta mudança?

No caso da missão do *Espírito Santo*, essa mudança é uma *transformação sobrenatural, divinizante* do espírito criado (anjo, alma espiritual do homem), que chamamos de “graça santificante”, ou seja, a transformação divinizante, santificadora do ser (substância) e das potências ativas (intelecto, vontade)¹⁷. Por esta transformação divinizante, a pessoa criada é capaz de “possuir”, de “degustar”¹⁸ em si mesma a própria pessoa do Espírito Santo e, com Ele, também a do Filho e do Pai. Como dissemos, a pessoa que envia está na pessoa enviada e Se doa nesta e com esta. Trata-se, portanto, da autocomunicação da própria pessoa divina, de todas as três em Sua distinção das outras duas e em Sua união com elas.

No caso da missão do *Filho*, a mudança é *mais profunda*, mais radical: é o *vir-a-ser da natureza humana individual* (pela *fecundação da Virgem Maria* e pela *criação da alma humana*), enquanto *pertencente*, desde o

¹⁶ Como mais adiante será esclarecido, também sem pensar já na autocomunicação do Filho encarnado aos homens, a encarnação do Filho comporta a missão do Espírito Santo.

¹⁷ Cf. N. THANNER, *La grazia, mistero dell'autocomunicazione di Dio uno e trino alle persone create*, em: *Sapientia Crucis* 13 (2012) 45-91, esp. 63-74.

¹⁸ São Tomás de Aquino fala de “frui ipsa persona divina” (cf. *S.Th.* I, q. 43, a. 3: “Habere autem potestatem fruendi divina persona, est solum secundum gratiam gratum facientem”).

primeiro instante de sua existência, à *Pessoa de Deus Filho*. Trata-se, portanto, do ato de *fazer existir* a natureza humana individual e, ao mesmo tempo, de *uni-la* à Pessoa divina do Filho, de modo que não começa a existir uma *nova* pessoa humana, mas sim, que a Pessoa divina do Filho começa a ser a pessoa desta natureza humana individual, isto é, um homem. Pois o Filho não é enviado para, simplesmente, estar entre os homens ou nos homens, mas para *ser* homem. “O Verbo Se fez carne” (Jo 1,14). É uma presença totalmente nova de Deus Filho no mundo criado, ou seja, mais diretamente, no mundo dos homens.

Sobre a maneira de o Filho encarnado Se doar a Si mesmo aos homens, já refletimos um pouco e a exporemos ainda – também em relação aos santos anjos. Agora convém examinar mais, embora brevemente, a *conexão* entre a missão do Filho e a do Espírito Santo.

Se a missão é a processão eterna com um termo temporal, pode-se supor que a conexão entre as duas *missões* divinas será conforme àquela que existe entre as duas *processões* intradivinas. Ora, logicamente, a processão do Espírito Santo pressupõe a processão do Filho, uma vez que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Assim, de fato, a missão do Espírito Santo *pressupõe* a missão do Filho. Pelo testemunho da Sagrada Escritura não pode haver dúvida de que o Espírito Santo é enviado *por Cristo* ou *em vista* da vinda de Cristo; portanto, em vista da missão do Filho, em dependência desta missão. Isto vale não somente para os homens a serem redimidos (todos os homens após o pecado de Adão), mas também para Adão e Eva antes do pecado, bem como para os próprios anjos.¹⁹ A doutrina da Sagrada Escritura sobre a *posição de Cristo* no desígnio eterno de Deus a respeito do universo das criaturas – isto é, sobre a Sua posição na *autocomunicação de Deus às criaturas* – não combina com a teoria de que, no universo das criaturas de fato existente (não num universo que poderia existir, mas não existe), há ou tenha havido uma missão do Espírito Santo independente da missão do Filho (encarnação).²⁰

¹⁹ Cf. a este respeito: N. THANNER, *La relazione di Cristo con i santi angeli*, em: *Sapientia Crucis* 19 (2018) 5-77, esp. 23-63.

²⁰ Seria uma missão do Espírito Santo que depende da missão do Filho apenas no seguinte sentido: o Espírito Santo *procede* também do Filho e Sua missão é esta Sua processão do Pai e do Filho, com um termo temporal. A “missão” do *Filho* consistiria somente no fato de que Ele, como pessoa divina, procede do Pai e, *no Espírito Santo*,

Na verdade, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, a missão do Filho e do Espírito Santo é missão *conjunta e inseparável*:

Desde o início até a consumação do tempo, quando Deus envia seu Filho, envia sempre seu Espírito: a missão dos dois é conjunta e inseparável. (CIC n. 743)

Consustancial ao Pai e ao Filho, ele [o Espírito Santo] é inseparável dos dois, tanto na Vida íntima da Trindade como em seu dom de amor pelo mundo. [...] Quando o Pai envia seu Verbo, envia sempre seu Sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis. (CIC n. 689)

Não somente as duas missões divinas são inseparáveis, sendo missão conjunta, mas também existe uma *ordem* entre elas: “A missão do Espírito Santo está sempre conjugada e *ordenada à* do Filho” (CIC n. 485). No evangelho de São João, Jesus fala desta ordenação da missão do Espírito Santo à missão do Filho (cf. *Jo* 16,13-15). Como Cristo, o Filho enviado, está totalmente orientado para o Pai, já que Ele é, como pessoa divina, *relação* de origem *ao Pai*, assim também o Espírito Santo está em Sua missão totalmente ordenado ao Filho (e ao Pai)²¹. Deste modo, como Cristo glorifica o Pai, o Espírito Santo glorifica o Filho: “Ele Me glorificará, porque receberá do que é meu para vos anunciar” (*Jo* 16,14).

O *ápice* absoluto e o *centro* de toda a autocomunicação de Deus às Suas criaturas se realizam pelo envio do Filho: o Filho faz Sua natureza humana individual, é assim verdadeiro Deus e verdadeiro homem; realiza-se uma união inefável de natureza divina com natureza humana na única pessoa do Filho (união hipostática), é vencida a “distância” infinita entre ser divino e ser humano, um homem é Deus sem deixar de ser homem, Deus é um homem sem deixar de ser Deus. Esta missão do Filho, a encarnação, *comporta necessariamente* a missão do Espírito Santo: o ápice absoluto da presença do Espírito Santo num espírito criado, isto é, na alma humana do Filho encarnado. Jesus é o “*Cristo*”, o “*Ungido*” pelo Espírito Santo. Por esta presença do Espírito Santo em Sua alma, Jesus pode viver, como homem, a Sua identidade de Filho eterno de Deus Pai, ou seja, pode viver a *Sua comunhão de Filho com Deus Pai*. Na vida

Se faz presente de modo novo nas pessoas criadas, como o Pai assim Se faz presente *no Espírito Santo*. Seria apenas uma “missão” *invisível*.

²¹ Cf. também CIC n. 687.

intratrinitária, o Espírito Santo é, em pessoa, a comunhão entre o Pai e o Filho, enquanto procede do ato de amor de ambos. No Filho encarnado, a Sua presença (com a graça santificante, a visão imediata, a virtude do amor) possibilita a perfeita comunhão interpessoal do Filho como homem (“Filho do homem”) com o Pai.

O envio do Filho realiza *unidade* ou *identidade*: este homem é Deus, Deus (o Filho) é homem.²² O envio do Espírito Santo realiza *comunhão* entre pessoas. “Jesus Cristo” ou, melhor, “Jesus, o Cristo”, é ao mesmo tempo e inseparavelmente realização da *missão do Filho e do Espírito Santo*, de uma missão *conjunta*.

“*Jesus Cristo*”, eis o nome que designa o ápice absoluto e o centro da autocomunicação divina ao que é criado, a missão conjunta do Filho e do Espírito em sua realização *central e fundamental*.²³ Toda outra autocomunicação divina às criaturas atua-se a partir deste centro e ponto *culminante*.

III. A imaculada Virgem e Mãe de Deus: a obra-prima da missão do Filho e do Espírito Santo

A encarnação do Filho de Deus realiza-se em Maria e através dela. Diferentemente do ato de criar, que não pressupõe, de modo algum, um ato de acolhida da ação divina por parte da criatura, a autocomunicação do Filho não se realizou sem o “sim” por parte da criatura. Se a encarnação do Filho de Deus, com a concomitante presença do Espírito Santo em Jesus, é o centro, o ápice e o fundamento de toda a autocomunicação divina às criaturas, Maria é *o centro, o ápice e o fundamento* de toda a *acolhida* do dom que as pessoas divinas fazem de Si mesmas às pessoas criadas. Em Maria se realizou, com toda a perfeição, a missão do Filho e do Espírito Santo. Por isso, o Catecismo da Igreja Católica pode chamá-la “a *obra-prima* da missão do Filho e do Espírito”: “Maria, a Mãe de Deus toda santa, sempre Virgem, é a obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo” (CIC n. 721).

²² É a “*unidade hipostática*”: *uma* só pessoa de duas naturezas, um *único* sujeito é, ao mesmo tempo, Deus e homem.

²³ O Catecismo da Igreja Católica diz muito bem: “Toda a missão do Filho e do Espírito Santo na plenitude do tempo está contida no fato de o Filho ser o Ungido do Espírito do Pai desde a sua Encarnação: Jesus é o Cristo, o Messias” (CIC n. 727).

Como ela é esta obra-prima da autocomunicação de Deus às criaturas pelo envio do Filho e do Espírito Santo? Cronologicamente, ela é em primeiro lugar a obra-prima da missão do Espírito Santo. Depois de Jesus Cristo, “o Ungido” pelo Espírito Santo, a Virgem imaculada é *o ponto culminante* da missão do Espírito Santo. A sua união com o Espírito Santo é inefável; ela é “a toda santa”, a “plasmada pelo Espírito Santo”²⁴. Por isso é chamada de “sacrário” e “esposa”²⁵ do Espírito Santo. Assim também é possível *a mais íntima cooperação* de Maria com o Espírito Santo.

Se, porém, a missão do Espírito Santo nela precede cronologicamente à do Filho, isto não quer dizer que seja independente da missão do Filho. Ocorre exatamente o contrário. Em Maria se vê com toda a clareza que a missão do Espírito Santo se realiza em *inseparável conexão com a missão do Filho*, ou seja, que a missão do Espírito Santo está sempre *conjugada e ordenada* à do Filho. “O Espírito Santo é enviado para santificar o seio da Virgem Maria e fecundá-la divinamente” (CIC 485).

Em vista da sua maternidade divina, realizou-se em Maria, já no primeiro instante da sua existência, a missão (invisível) do Espírito Santo: ela começa a existir com a presença do Espírito Santo nela, portanto com a graça santificante. É a sua “imaculada conceição”, sendo assim preservada imune de toda mancha do pecado original e enriquecida de uma “santidade resplandecente, absolutamente única” (LG 56), que *lhe vem inteiramente de Cristo*: “Em vista dos méritos de seu Filho, foi redimida de um modo mais sublime” (LG 53). A este respeito, o Catecismo da Igreja Católica faz uma afirmação profunda e iluminadora:

Convinha que fosse “cheia de graça” a mãe daquele em quem “habita corporalmente a Plenitude da Divindade” (CI 2,9). Por pura graça, ela foi concebida sem pecado como a mais humilde das criaturas, a mais capaz de acolher o Dom inefável do Todo-Poderoso. (CIC n. 722)

O Catecismo afirma uma conexão entre a presença perfeita do Espírito Santo em Maria, a *obra-prima da missão do Espírito Santo*, e o fato de ela ser entre todas as criaturas “a mais humilde” e “a *mais capaz de acolher* o Dom inefável” de Deus. Qual é o fundamento desta conexão? Notemos que, na divindade, o Espírito Santo procede do Pai e do Filho,

²⁴ Expressões dos Padres da tradição oriental (cf. CIC n. 493).

²⁵ A palavra “esposa” quer exprimir a íntima união entre Maria e a pessoa do Espírito Santo.

mas *d'Ele não procede* nenhuma pessoa divina. Por conseguinte, a Sua personalidade é constituída unicamente pela relação de *espiração passiva*; não é constituída ou caracterizada por alguma relação de *origem ao que é originado*, como é o caso da pessoa do Filho, que é a relação subsistente de filiação, mas *também* de *espiração ativa*. Na divindade, o Espírito Santo é, por conseguinte, “Aquele que *recebe*” (ou seja: é somente o *termo* de uma processão intradivina, não a *origem* de uma processão), mas o é como quem é *Deus*, perfeitamente Deus como o Pai e o Filho.

Ora, a criatura é, por essência, “aquela que *recebe*”; tudo que ela é, tudo que nela há de bom, ela o recebeu e recebe de Deus; a criatura recebe, acolhe o dom divino; só assim pode agir e produzir fruto. A característica própria da criatura como criatura é, portanto, a *receptividade*, enquanto a característica própria de Deus como Criador é a *bondade que doa*.

Maria é a criatura por excelência, a criatura que mais perfeitamente realiza a essência da criatura em toda a sua vida, seu pensar e agir. Por isso, ela é perfeita *receptividade*, com a consciência clara do seu “nada” de criatura (nada por si mesma, de si mesma), da sua condição de que, para poder ser e agir, tem de *receber, acolher* o que lhe vem de Deus. Esta sua consciência é mais clara e profunda do que a de qualquer outra criatura.

É exatamente a plenitude²⁶ do dom (presença atuante) do Espírito Santo em Maria que faz dela a criatura *mais capaz de acolher* o Dom inefável do Todo-Poderoso, que faz com que ela seja *toda receptividade* e a criatura *mais humilde* (mais consciente da sua posição diante de Deus²⁷).

A pessoa do Espírito Santo – “Aquele que recebe”, Aquele que é relação de origem ao Filho e ao Pai –, doando-Se a ela, *une-a ao Filho e ao Pai* numa atitude de *receptividade total*. Tendo em si, desde o primeiro instante da sua existência, o *Dom divino* em pessoa, ela é preparada para acolher o dom máximo que o Pai e o Filho lhe podem e querem fazer: o dom da pessoa do Filho eterno como *seu próprio filho*, como o fruto das suas entranhas, isto é: ela *concebe* o Filho eterno do Pai *como homem*. Aqui, a relação da criatura a Deus é levada ao máximo da sua perfeição, em plena conformidade com a essência da criatura: uma relação de *abertura* a

²⁶ Uma plenitude que, durante a sua vida, cresceu sempre mais.

²⁷ É a posição de quem *deve tudo a Deus*; e quanto *mais* deve a Deus, isto é, quanto maiores dons tiver recebido de Deus, tanto *mais humilde* será.

Deus, ao dom que Deus lhe faz, um *consentimento* com a vontade divina, um *receber* que se torna concretamente um *conceber*, uma *concepção*, um *ser fecundada* para produzir o fruto divino.

É uma concepção *virginal*, porque não se realiza por ação de outra criatura, isto é, de um homem, mas diretamente por ação do Espírito Santo (o Dom do Pai e do Filho) e do Filho que doa a Si mesmo a ela, e do Pai que lhe doa Seu Filho. A virgindade perpétua de Maria – antes da concepção, na concepção, no parto e, depois do parto, durante toda a sua vida na terra – é vivência plena e radical da sua união perfeita com o Espírito Santo. Este, com efeito, sendo relação subsistente ao Filho e ao Pai, faz Maria viver, de um modo total e exclusivo, a relação de amor à Pessoa do Filho e do Pai. “O sentido esposal da vocação humana em relação a Deus (cf. 2 Cor 11,2) é realizado perfeitamente na maternidade virginal de Maria” (CIC n. 505). Como *virgem*, ela é a criatura aberta, com a totalidade do seu ser, à ação *de Deus*.

Maria, a Virgem Mãe – como “*aquela que recebe (concebe) de Deus*”, repleta do *Dom divino*, o Espírito Santo, a pessoa divina cuja característica é de ser “*Aquele que recebe*” (espiração *passiva*) – é a *criatura mais perfeita*, capaz de, com um ato de fé e amor, acolher, *em nome de todas as criaturas*, a *máxima autodoação* divina às criaturas, que consiste no fato de o Filho eterno do PAI, segundo a divindade, Se fazer o Filho da Virgem Maria, segundo a humanidade.

Sendo assim, Maria participa de alguma maneira da *relação do Pai ao Filho*, enquanto ela é *Mãe* deste mesmo Filho. Deus Pai é o *genitor* do Filho segundo a natureza divina; Maria, a virgem-mãe, é a *genetrix* da mesma pessoa, mas segundo a natureza *humana* (como “Filho do Homem”).²⁸ Esta maternidade divina – uma relação absolutamente singular e exclusiva de Maria com a segunda pessoa divina – é propriamente *o centro* em todo o mistério da sua pessoa e ação na história da salvação. Mas também aqui vale: a missão do Filho e a do Espírito Santo são inseparáveis. O dom da *maternidade* divina (missão do Filho) implica os dons de *santidade*, de *comunhão* interpessoal com a pessoa do Filho de Deus feito seu filho; implica, portanto, a missão do Espírito Santo. Sem

²⁸ Concílio de Friuli em 796 (DS 619): “por natureza, Filho de seu Pai, segundo a divindade; por natureza, Filho de sua Mãe, segundo a humanidade; mas propriamente Filho de Deus em suas duas naturezas”.

isso, na verdade, Maria seria uma mãe inconsciente e estranha à própria maternidade, como maternidade *divina*.

IV. A Igreja, fruto da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo

Maria, a imaculada Virgem e Mãe de Deus, já é o início da Igreja como esposa de Cristo e templo do Espírito Santo, ou seja, da Igreja como mistério de *comunhão com Deus*. De fato, esta é, por assim dizer, a natureza mais essencial da Igreja: ser mistério de *comunhão*, não de qualquer comunhão, mas de comunhão *com Deus* e de comunhão entre as pessoas *em Deus*. Ora, esta comunhão se realiza *através da autocomunicação divina* pela missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.

1. A Igreja, sacramento da missão do Filho e do Espírito Santo

O Concílio Vaticano II ensinou: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2). A Igreja é, por conseguinte, o fruto da missão do Filho e do Espírito Santo. Pode-se dizer o mesmo também numa formulação do Catecismo da Igreja Católica: “A missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo” (CIC n. 737). Em seguida, o Catecismo esclarece:

A missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade. (CIC n. 738)

A relação da Igreja com a missão conjunta do Filho e do Espírito Santo pode-se, portanto, indicar com a palavra “*sacramento*”, isto é, sinal e instrumento. Não é sinal vazio, mas o sinal que *traz em si* a realidade significada. Neste caso, esta *realidade significada* pelo sinal é “*a missão de Cristo e do Espírito Santo*”; é, portanto, o mistério de *comunhão com Deus-Trindade*.

- A Igreja é, deste modo, o *fruto* ou resultado da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. Com efeito, como já citamos anteriormente, a “missão de Cristo e do Espírito Santo *realiza-se na Igreja*” (CIC n.

737). O resultado da missão de Cristo e do Espírito Santo é o mistério de *comunhão* que se realiza concretamente na Igreja como um organismo social, uma sociedade ou comunidade visível, perceptível. Por isso, a Igreja é “sacramento”, isto é, “*sinal*” dessa comunhão.

- A Igreja é também o *instrumento* da *realização* dessa comunhão no mundo. Aqui temos, sobretudo e especialmente, mas não unicamente, os *sacramentos* na Igreja. Vale de uma forma geral: “assim como a natureza assumida pelo Verbo divino lhe serve de órgão vivo de salvação, a Ele indissolavelmente unido, de modo semelhante a *estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para fazer progredir o seu corpo místico* (cf. Ef 4, 16)” (LG 8).²⁹

Ora, o aspecto da Igreja como *instrumento* da realização da comunhão dos homens com Deus e em Deus se pode exprimir com o nome “*Mãe Igreja*”: a Igreja é mãe que gera filhos. Nesta perspectiva, somos “*filhos da Igreja*”, gerados por ela. Mas igualmente é verdade que “*somos Igreja*”, isto é, fazemos parte dela, somos seus membros. Podemos exprimir os dois aspectos, falando da “*graça*”: “A Igreja *contém*, portanto, e *comunica* a graça invisível que ela significa” (CIC n. 774). A Igreja “*contém* a graça”: eis a Igreja como *resultado* da missão do Filho e do Espírito Santo; a Igreja “*comunica* a graça”: eis a Igreja como *instrumento* (mãe).

2. A existência e edificação da Igreja pela autocomunicação de Jesus Cristo, no Espírito Santo, aos homens

Se agora perguntarmos como a Igreja surge, como ela se realiza, a resposta é clara: pela realização da missão de Cristo e do Espírito Santo (Encarnação, vida de Cristo, Sua “Páscoa”, Pentecostes). Em outras palavras: a Igreja surge e se edifica pela *autocomunicação* que o *Filho encarnado faz de Si mesmo*, de tudo que é e tem, aos homens.

Esta autocomunicação *começou* na vida terrena de Jesus Cristo, sendo *consumada* com Sua “Páscoa” e a instituição da *santíssima Eucaristia* e

²⁹ Cf. CIC n. 783, acima citado: “por *tudo o seu ser* e em *todos os seus membros*, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade”.

pelo envio do *Espírito Santo no Pentecostes*.³⁰ Daí em diante, ela é *prolongada* na Igreja e através dela, até a vinda final de Jesus.

Tal autocomunicação do Filho encarnado realiza-se de um modo *sensível*, isto é, perceptível pelos sentidos. Perceptível era Sua *presença* humana (física), as *palavras* da Sua boca, os gestos, as *ações* e os sofrimentos (manifestações do Seu amor), bem como o dom do *Espírito Santo* em Pentecostes.

Assim, também o *prolongamento da Sua autocomunicação* depois de Pentecostes é perceptível, e igualmente o *resultado* dessa autocomunicação não é somente uma realidade invisível, imperceptível. Este resultado é exatamente a Igreja, que é uma realidade na qual os elementos *invisíveis, espirituais, divinos* e os elementos *visíveis, materiais ou corporais, humanos* formam uma admirável *unidade*,³¹ com uma determinada ordem ou *orientação*, conforme o ensinamento do Concílio Vaticano II: “nela o humano é orientado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à futura cidade para a qual estamos encaminhados” (SC n. 2).

a) *O que Jesus comunica?*

No entanto, vejamos em primeiro lugar o *objeto* da comunicação que Jesus faz aos homens. O que comunica aos homens? A resposta é: Ele comunica *tudo*, tudo o que Ele é, tudo que *tem*.

- Ele comunica a *Sua comunhão com o Pai no Espírito Santo*, ou seja, comunica o *Seu Espírito, o Espírito Santo*. Essa comunhão se compõe

³⁰ O Catecismo da Igreja Católica resume, sob o título “A Igreja é comunhão com Jesus”, a autocomunicação de Jesus: “Desde o início, Jesus associou seus discípulos à sua vida, revelou-lhes o Mistério do Reino, deu-lhes participar de sua missão, de sua alegria e de seus sofrimentos. Jesus fala de uma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que o seguiriam: «Permanecei em mim, como eu em vós... Eu sou a videira, e vós os ramos» (Jo 15,4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio corpo e o nosso: «Quem come a minha carne bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele» (Jo 6,56)” (CIC n. 787). “Quando sua presença visível lhes foi tirada, Jesus não deixou seus discípulos órfãos. ... enviou-lhes seu Espírito. A comunhão com Jesus tornou-se, de certa maneira, mais intensa: «Ao comunicar seu Espírito, fez de seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes de seu próprio Corpo»” (CIC 788).

³¹ Cf. LG 8: “... uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino”.

de vários elementos. É uma comunhão interpessoal de *conhecimento e amor*.

- Ele comunica-nos, portanto, o Seu *conhecimento* que tem do Pai, do mistério de Deus-Trindade e do projeto divino em relação ao universo das criaturas, particularmente da humanidade. Este conhecimento no-lo comunica através das Suas *palavras*, ensinando, e também através da manifestação da Sua relação filial com o Pai em Suas *atitudes*. A *visão imediata* do Pai, Ele também a comunica aos homens, mas esta comunicação é reservada à perfeição última da comunhão com Deus, que não é compatível com o estado de caminhada, de fé e de provação. Esta comunicação, como também as outras, sempre se faz “no Espírito Santo” ou “cooperando o Espírito Santo”. Trata-se da realização da missão *conjunta* do Filho e do Espírito Santo, sendo que a missão do Espírito Santo está sempre ordenada à do Filho.³²
- – Jesus comunica-nos o *amor* divino em Seu coração, concedendo-nos poder amar *como* Ele amou e ama e *com* Seu amor, isto é, especificamente o mesmo amor com que Ele ama³³, e o faz *enviando-nos o Seu Espírito*, o Espírito Santo.³⁴

Comunicar-nos o *amor* significa comunicar-nos o *Espírito Santo*, significa, portanto, comunicar-nos aquela *transformação divinizante* que chamamos “*participação da vida divina*” ou “*graça santificante*”, com as virtudes infusas e os sete dons do Espírito Santo. Deste modo,

³² O Catecismo da Igreja Católica frisa a este respeito a *maneira* como se manifesta esta orientação da missão do Espírito à do Filho:

“Quando o Pai envia seu Verbo, envia sempre seu Sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo que aparece, ele, a Imagem visível do Deus invisível; mas é o Espírito Santo que o revela” (CIC n. 689).

“O que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus» (1 Cor 2,11). Ora, seu Espírito que o revela nos dá a conhecer Cristo, seu Verbo, sua Palavra viva, mas não se revela a si mesmo. Aquele que «falou pelos profetas» faz-nos ouvir a Palavra do Pai. Mas, ele mesmo, nós não o ouvimos. Só o conhecemos no momento em que nos revela o Verbo e nos dispõe a acolhê-lo na fé. O Espírito de Verdade que nos «desvende» o Cristo «não fala de si mesmo». Tal apagamento, propriamente divino, explica por que «o mundo não pode acolhê-lo, porque não o vê nem o conhece», enquanto os que crêem em Cristo o conhecem, porque ele permanece com eles (Jo 14,17)” (CIC n. 687).

³³ Cf. Jo 15,12; 17,26.

³⁴ Cf. Rm 5,5: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações *pelo Espírito Santo que nos foi dado*”.

podemos, *no Espírito Santo*, isto é, pela presença atuante do Espírito Santo em nós, viver como *filhos de Deus Pai*, participando, portanto, da própria *relação filial de Jesus com o Pai*, ou seja, da Sua *comunhão*, como Filho, com o Pai.

- Jesus comunica-nos a *Si mesmo*: Ele Se nos doa com *todo o Seu ser*, com toda a Sua *substância*, corpo e alma, unidos hipostaticamente à divindade. Ele o fez, ainda na Sua vida terrena, no Cenáculo de Jerusalém, instituindo a santíssima *Eucaristia* e continua a fazê-lo através deste sacramento.
- Comunicando-nos a Sua comunhão com Deus como Seu Pai (participação na Sua filiação divina), Jesus nos dá Seu próprio Pai como *nosso* Pai (cf. *Jo* 20,17). Além disso, nos dá também Sua *Mãe* como *nossa* Mãe (cf. *Jo* 19,27).
- Igualmente, nos faz o dom dos *Seus servos, os santos anjos*. Eles, que servem a Jesus, sendo os “anjos do Filho do Homem” (cf. *Mt* 25,31), servem também a *nós*, membros do Seu Corpo na terra (cf. *Hb* 1,14).³⁵
- Jesus nos comunica também a Sua *tríplice missão*. Ele a comunica a *toda* a Sua Igreja. É uma participação do Seu sacerdócio profético e régio que é própria da Igreja como tal, como Seu Corpo e Sua Esposa. Além disso, comunica a Sua tríplice missão de um *modo diferente a alguns homens*, fazendo-os Seus representantes enquanto Ele é a *Cabeça* da Igreja como Seu corpo, o *mestre* da Igreja como comunidade dos Seus discípulos, o *pastor* da Igreja como Seu rebanho, o *sumo sacerdote* (do sacrifício redentor) da Igreja como Seu povo sacerdotal, o *Esposo* da Igreja como Sua Esposa.

Em estreita conexão com isso, podemos ver também os múltiplos dons, chamados “*carismas*” (cf. *1Cor* 12,1), que, pelo Espírito Santo, Jesus dá aos membros da Igreja para que sejam capazes de dar a sua colaboração pessoal para a edificação da Igreja, o cumprimento da missão da Igreja, a salvação dos outros, a extensão do mistério de participação na comunhão da Santíssima Trindade.

³⁵ Cf. *CIC* nn. 331, 333, 334, 336.

b) Como Jesus realiza e garante a Sua autocomunicação?

Jesus cuidou que Sua autocomunicação, pela qual a Igreja existe e é edificada, fosse *assegurada*, realizando esta autocomunicação de um modo *perceptível*. Como? Através dos *sacramentos* e o *ministério apostólico*, sendo que este ministério apostólico é transmitido por um dos sete sacramentos.

De fato, para garantir – continuamente e até o fim da história, e também de um modo *objetivo e perceptível* – essa Sua autocomunicação, Jesus instituiu o *ministério apostólico*, transmitido pelo sacramento da *Ordem*. Deste modo, não houve e não há apenas *membros* da comunidade que é a Igreja, pessoas, portanto, que apenas podem agir na qualidade de membros da comunidade, mas há também pessoas – clara e objetivamente *reconhecíveis* – que recebem de Cristo a missão e a faculdade (o “poder sagrado”) de *agir na Sua pessoa enquanto Ele é*

- a *Cabeça* em relação ao “Corpo” (que é a Igreja),
- o *Esposo* em relação à esposa,
- o *Mestre* em relação aos discípulos,
- o *Sacerdote* do sacrifício redentor em relação ao povo sacerdotal,
- o *Pastor* em relação ao rebanho.

Essas pessoas são clara e objetivamente reconhecíveis pelo seguinte fato:

1. É através de uma *ação perceptível* (rito do sacramento da Ordem) que eles são constituídos como tais representantes de Cristo na Sua Igreja;
2. Esta ação é *eficaz, independentemente da disposição* (graça santificante etc.) do ordinando, contanto que este queira ser ordenado.

Esta *eficácia garantida* refere-se àquele efeito da ação sacramental que é o *caráter*, o qual é *indelével*, isto é, não depende do livre arbítrio do ordenado: ele tem o poder sagrado do representante sacramental de Cristo, quer seja santo (estado de graça), quer se encontre em estado de pecado. Disso decorre o seguinte: para que conste que esta determinada pessoa é o representante de Cristo, não é preciso poder *ver* o caráter sacramental (que, em si, não é visível), mas basta poder comprovar que ele recebeu o sacramento da Ordem.

Por conseguinte, através desses representantes sacramentais está garantida a presença e ação perceptível de Cristo na e para Sua Igreja. Deste modo, a *autocomunicação de Jesus Cristo*, no e pelo Espírito Santo, continua a ser não apenas invisível, espiritual, mas também *visível, perceptível*.

- A comunicação na dimensão do *conhecimento* (da *palavra*) realiza-se pela *Tradição viva* (particularmente no aspecto em que esta assume a forma de *doutrina*³⁶), pela *Sagrada Escritura* e o *Magistério* da Igreja. A atividade dos ministros de Cristo, podemos chamá-la de “*fiel pregação do Evangelho*”.
- A comunicação na dimensão do *amor* (graça santificante, etc.) se realiza pela celebração dos *sacramentos*, que são ações perceptíveis, significando e tornando presentes (com sua eficácia salvadora) os mistérios da vida de Cristo, sobretudo o Seu mistério pascal, comunicando assim o dom do Espírito Santo, ou seja, as diversas “*graças sacramentais*”, pelas quais os fiéis são santificados, partícipes da vida divina, da comunhão de Cristo com o Pai no Espírito Santo.
- A comunicação na dimensão do *ser* (vida, substância) do Filho encarnado realiza-se pelo centro, o ápice e o fim³⁷ de todos os sacramentos: a santíssima *Eucaristia*.
- A comunicação da *tríplice missão* de Cristo se realiza através de três sacramentos: *Batismo, Crisma, Ordem*.

De fato, pelos sacramentos do Batismo e da Crisma, Jesus Cristo comunica a *toda a Sua Igreja*, isto é, a *todos* os membros da Igreja, uma participação no Seu *sacerdócio profético e régio*. É o sacerdócio *da Igreja*, como povo sacerdotal, sendo uma verdadeira participação na tríplice missão de Cristo. Trata-se do *caráter sacramental* desses dois sacramentos.

O caráter sacramental da *Ordem* faz dos receptores do sacramento *representantes de Cristo em Sua relação à Igreja*, enquanto o caráter sacramental do *Batismo* e da *Crisma* faz dos receptores destes dois sacramentos *membros* da Igreja, que é um povo sacerdotal.

³⁶ A Tradição viva se compõe essencialmente de três elementos: doutrina, culto, vida (prática) da Igreja, ou seja, a fé *proclamada, confessada, a fé celebrada* e a fé *vivida*.

³⁷ Todos os sacramentos se ordenam à santíssima Eucaristia.

Portanto, como o caráter impresso pelo sacramento da *Ordem* garante a *presença atuante visível* de Cristo – como Cabeça, Esposo, Mestre, Sumo Sacerdote, Pastor – à *Sua Igreja*, assim o caráter impresso pelos sacramentos do *Batismo* e da *Crisma* garante a *visibilidade da Igreja*.³⁸

Esta Igreja, por todo o seu ser e em *todos os seus membros*, é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade (cf. *CIC* n. 738). Nisto, no entanto, existe uma diferença, devida aos dois *modos diferentes* da participação no único sacerdócio profético e régio de Jesus Cristo: a participação que constitui os *representantes de Cristo em relação à Sua Igreja* e a participação que constitui os *membros da Igreja* como tal (Corpo de Cristo, Esposa de Cristo). No segundo caso vale: para que eles, com sua vida, suas ações, sejam “sacramento” da missão do Filho e do Espírito Santo (Cristo, no e pelo Espírito Santo, agindo neles e através deles), requer-se a *comunhão vital com Cristo* (amor), pois aí eles agem

- como *peçoas distintas de Cristo*, embora em *união com Ele* (a Igreja como Esposa de Cristo), enquanto os representantes sacramentais de Cristo em relação à Igreja agem (plena e mais fortemente na dimensão central de seu ministério: no múnus de santificação dos homens e de culto a Deus)
- como *meros instrumentos* de Cristo que, com sua ação, *tornam perceptível* a própria ação de Cristo.

³⁸ De fato, para o caráter impresso pelos sacramentos do Batismo e da Crisma vale o mesmo que já vimos ao considerar o caráter sacramental da Ordem. Por isso, para constatar quem é membro da Igreja, não é necessário poder constatar quem se encontra em estado de graça, mas basta saber que estas pessoas *foram batizadas*. Quem não está em estado de graça (está sem a presença santificante do Espírito Santo), encontra-se numa *situação paradoxal* (membro “morto” da Igreja, estando privado do que podemos chamar a “alma” ou “princípio vital” da Igreja, isto é, a comunhão vital com Deus Trindade), mas não deixa de ser um *membro da Igreja na terra*, situação esta que só é possível na vida terrena, não na eternidade, na qual, aliás, também aqueles que nunca receberam o caráter sacramental, mas, sim, o dom da comunhão com Deus Trindade, pertencem perfeitamente à Igreja. Com efeito, o caráter, embora seja indelével, é para a vida *nesta terra*; é necessário para a *pertença à Igreja visível* neste mundo.

3. A finalidade de toda autocomunicação divina pela missão do Filho e do Espírito Santo na Igreja e pela Igreja: a comunhão com a Santíssima Trindade e n'Ela

Vimos *o que* Jesus Cristo comunica e *como* o faz – sempre “no Espírito Santo” ou “cooperando o Espírito Santo”. Ora, a *finalidade* desta auto-comunicação divino-humana do Filho encarnado sempre é a *comunhão com Deus Uno e Trino*; sempre quer comunicar uma participação na Sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, o que significa que se realiza uma comunhão com cada uma das três pessoas divinas e, conseqüentemente, uma íntima união dos homens entre si em Cristo, em Deus.

Podemos, de novo, citar o Catecismo da Igreja Católica com suas profundas afirmações:

Deus criou o mundo em vista da comunhão com sua vida divina, comunhão esta que se realiza pela «convocação» dos homens em Cristo, e esta «convocação» é a Igreja. (CIC n. 760)

Neste sentido, o Catecismo pode fazer sua uma afirmação de Santo Epifânio, dizendo: “A Igreja é a finalidade de todas as coisas” (CIC n. 760.). Ela é esta finalidade exatamente porque nela e por meio dela se realiza aquela união ou comunhão que é “um reflexo e um testemunho da comunhão das pessoas divinas”³⁹ (cf. Jo 17,21-23). Na verdade, “o fim último de toda a Economia divina é a entrada das criaturas na unidade perfeita da Santíssima Trindade” (CIC n. 260).

Esta comunhão com a Santíssima Trindade e n'Ela é na Igreja aquilo ao qual todo o resto *se ordena* como ao verdadeiro *fim*. O Catecismo o diz, falando da “*caridade* que nunca passará” e da *santidade*, a qual consiste justamente na perfeita caridade que, por sua vez, une os fiéis perfeitamente a Deus e em Deus:

Na Igreja, esta comunhão dos homens com Deus pela “caridade que nunca passará” (1 Cor 13,8) é a finalidade que comanda tudo o que nela é meio sacramental ligado ao mundo presente que passa. “Sua estrutura se ordena integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo”. (CIC n. 773)

Esta é a razão por que à “dimensão petrina” (ministério apostólico) antecede a dimensão da Igreja como “Esposa” de Cristo que responde ao amor

³⁹ Cf. CIC n. 877.

do Esposo e da qual Maria é não somente cronologicamente a primeira realização, mas também a mais perfeita, a realização por excelência.⁴⁰

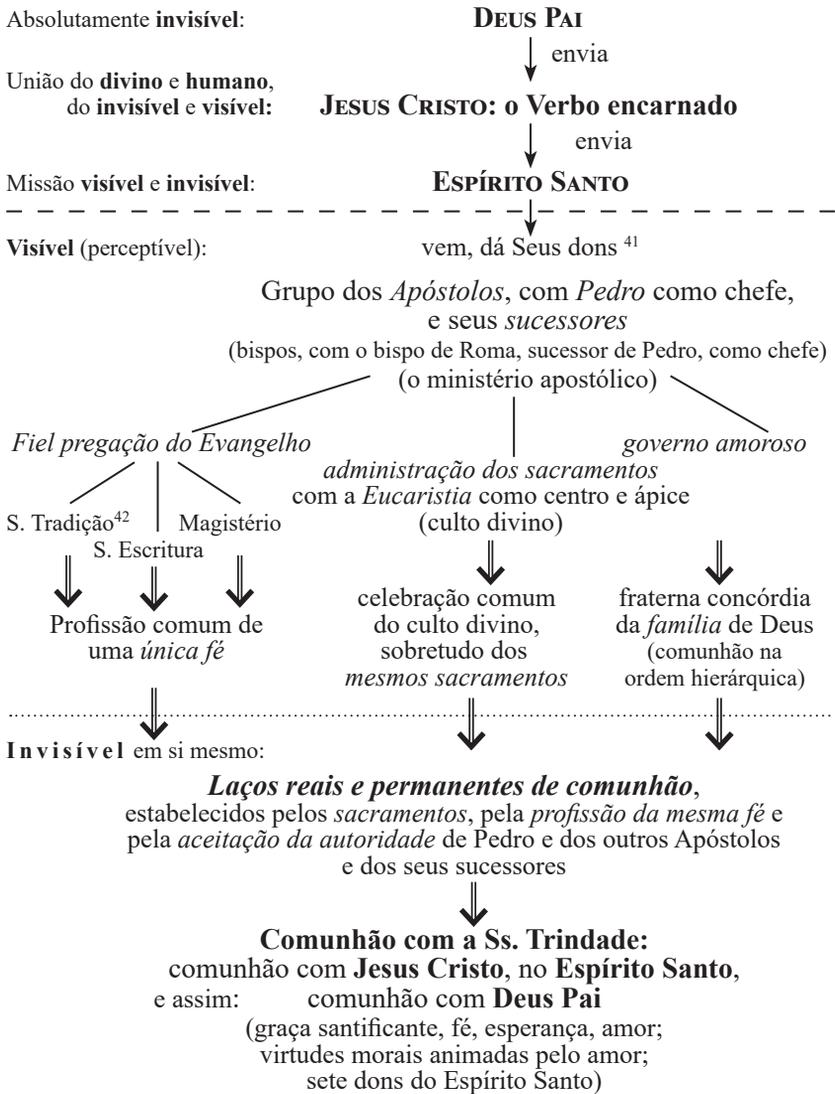
Tudo na Igreja se ordena a estabelecer (ou restabelecer), manter e aumentar a comunhão dos homens com Deus e em Deus. Lembremo-nos da afirmação clara do Catecismo da Igreja Católica: “por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade” (CIC n. 738). Isto deve ser levado em consideração quando se reflete sobre a *unidade* da Igreja.

Esta unidade – mistério de comunhão dos homens com a Ss. Trindade e entre si – é realizada e garantida por *Jesus Cristo*, que envia o *Espírito Santo* de junto do *Pai* e dá aos *Apóstolos*, com Pedro como cabeça, uma missão especial de continuação da Sua própria missão.

Portanto, “Jesus Cristo quer que seu povo cresça sob a ação do Espírito Santo, através da *fiel pregação do Evangelho* e da *administração dos sacramentos*, e mediante um *governo amoroso*, realizado pelos Apóstolos e seus sucessores – os Bispos – e o sucessor de Pedro como chefe. E Ele próprio, através de tudo isso e por obra do mesmo Espírito, realiza a comunhão na unidade: na *confissão de uma única fé*, na *comum celebração do culto divino* e na *fraterna concórdia da família de Deus*” (UR 2).

Este texto do Concílio Vaticano II apresenta os *meios* para a realização da unidade da Igreja bem como os *elementos visíveis* de comunhão ou vínculos de unidade. Podemos apresentar num esquema esta realidade de comunhão na unidade, acrescentando os elementos *invisíveis*:

⁴⁰ Cf. CIC n. 773, citando *Mulieris dignitatem* de São João Paulo II: “«E a santidade é medida segundo o ‘grande mistério’, em que a Esposa responde com o dom do amor ao dom do Esposo.» Maria nos precede a todos na santidade que é o mistério da Igreja como «a Esposa sem mancha nem ruga». Por isso, «a dimensão marial da Igreja antecede sua dimensão petrina.»”



⁴¹ Esta ação do Espírito Santo não se refere apenas ao *ministério apostólico* (os ministros que representam sacramentalmente a Cristo como Cabeça da Igreja, no Seu tríplice múnus), mas também a *todos os membros da Igreja*, que participam do tríplice múnus de Cristo (= sacerdócio *comum*, profético e régio).

⁴² “O que Cristo confiou aos apóstolos, estes o transmitiram por *sua pregação* [daí: a S. Tradição] e *por escrito*, sob a inspiração do Espírito [S. Escritura], a todas as gerações, até a volta gloriosa de Cristo” (CIC n. 96). “A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja” (DV 10).

O esquema ilustra como na Igreja tudo se ordena à *comunhão dos fiéis com a Santíssima Trindade* e, assim, à comunhão *entre eles* em Deus Uno e Trino, à unidade deles como uma só Igreja, *Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo*. Desta unidade “o supremo modelo e princípio é a unidade de um só Deus, o Pai e o Filho no Espírito Santo, na Trindade de pessoas” (UR 2; cf. LG 4). Não poderia ser diferente, se esta unidade é realizada exatamente pelo envio do Filho e do Espírito Santo por parte de Deus Pai, e por isso mesmo, a Igreja assim unida é o “Corpo de Cristo” e o “Templo do Espírito Santo”. A comunhão com a Santíssima Trindade e n’Ela realiza-se, portanto, através da comunhão com *Jesus Cristo*, o Filho *encarnado*, no *Espírito Santo*, e, assim, com Deus *Pai*.

V. O papel próprio e específico da missão do Filho

Certamente, como acabamos de expor, a finalidade de toda a autocomunicação divina pela missão do Filho e do Espírito Santo na Igreja e pela Igreja é a comunhão dos homens com a Santíssima Trindade e n’Ela, ou seja, a comunhão com cada uma das três pessoas divinas, a participação da comunhão que há entre as três pessoas divinas ou a participação da *comunhão do Filho com o Pai no Espírito Santo*. Esta última maneira de exprimir o mistério de comunhão que se realiza na Igreja pela missão conjunta do Filho e do Espírito Santo aponta para o *papel próprio e específico* do envio do Filho.

1. O papel próprio e específico da missão do Filho: ser o “Esposo”

O envio do Filho, Sua encarnação, – inseparável do envio do Espírito Santo – é *o centro e o ápice* de toda a autocomunicação divina às criaturas. A este respeito não pode haver dúvidas. Vimos também que no envio das duas pessoas divinas procedentes se trata da autocomunicação ou autodoação das três pessoas divinas às criaturas intelectuais para uma comunhão destas com cada uma das pessoas divinas. Ora, a pessoa de Deus Filho é, como pessoa *enviada*, não somente Deus, mas também *homem*, e *como tal* Se doa para uma íntima comunhão consigo; é a comunhão com o Filho *encarnado!* Para reconhecer o papel próprio e específico da missão do Filho, é importante reter este dado: o Filho Se fez homem e permanece eternamente homem, mas a Sua autocomunicação como pessoa divina

para dentro do mundo criado não tem por fim apenas o fato de Ele ser homem; ela se destina a realizar uma comunhão das criaturas consigo, isto é, com o Filho encarnado.

A missão do Filho precisa ser levada totalmente a sério, com suas características próprias e singulares. Só Ele Se fez homem, não o Espírito Santo. A Igreja é a Igreja do Filho feito *homem*; por isso mesmo, ela é o “Corpo” e a “Esposa” d’Ele. O “*Esposo*” é o Filho feito *homem*, não a pessoa divina do Filho prescindindo da Sua humanidade. A Igreja é esse “Corpo” pela união com o *corpo* do Filho encarnado. Pelo sacramento da santíssima Eucaristia este corpo (o Filho com este Seu corpo humano) está substancialmente presente na Igreja, e é pela Sagrada Comunhão eucarística – como uma certa antecipação do “banquete das núpcias do Cordeiro” (cf. *Ap* 19,9) – que a Igreja é o *Corpo* de Cristo (cf. especialmente *1 Cor* 10,17) e a *Esposa* de Cristo já inicialmente *unida ao seu Esposo* (cf. *Ef* 5,31-32). Na verdade, como já vimos, o envio do Filho por parte do Pai não se restringe ao envio

- para Ele Se fazer *homem entre os homens*,
mas é, além disso,
- para Ele, como homem, *dar Sua carne e Seu sangue* (Sua substância humana) aos homens a Ele unidos pelo Espírito Santo,
- para Ele *estar nos homens*, levando assim à perfeição a Sua união com eles.

É deste modo que a Igreja é o que é. De fato, “sem a Eucaristia, a Igreja simplesmente não existiria”⁴³.

Vê-se, portanto, a importância da humanidade de Cristo para realizar o mistério da Igreja, que é mistério de comunhão com a Santíssima Trindade e n’Ela. Este mistério de comunhão se realiza exatamente *pela comunhão com o Filho encarnado!*

O papel da humanidade de Cristo não consiste apenas no fato de que a pessoa divina do Filho Se serviu da Sua humanidade, durante a Sua vida sobre esta terra, para Se manifestar de um modo apropriado aos homens, como igualmente para redimi-los, para merecer-lhes o dom do Espírito Santo (a comunhão divina, a participação da Sua comunhão com o Pai no

⁴³ BENTO XVI, *Angelus*, 26.06.2011.

Espírito Santo). Se consistisse somente nisso, não tendo um verdadeiro e próprio papel *na comunhão* assim obtida, a conclusão seria a seguinte: tendo realizado esta Sua obra, para a qual foi enviado pelo Pai, o Filho continua, sim, a ser homem, mas Sua humanidade perdeu a sua importância. Teria, de fato, cumprido Sua missão, como um instrumento que serviu para obter um determinado efeito – no caso, a união dos homens com a Santíssima Trindade – e, então, não se precisa mais dele, embora continue a existir. Porém, não é assim.

De fato, o envio do Filho é para realizar uma união das criaturas com Ele como Filho *enviado*, isto é, o Filho *encarnado*, o “*Esposo*”, para realizar, portanto, as “*núpcias do Cordeiro*”, e estas núpcias são, segundo o livro do Apocalipse, a *meta* da história da salvação (cf. *Ap* 19,7).

Na reflexão teológica, o perigo não é o de valorizar demasiadamente o fato da encarnação do Filho de Deus, mas de não valorizá-lo suficientemente, ou seja, em todas as suas consequências. Quando se considera apenas a humanidade como tal, comparando-a com a divindade, pode parecer que a união com a humanidade de Cristo é mais ou menos insignificante em comparação com a união com a divindade. Pode parecer, sim, quando se considera unicamente a diferença entre a divindade e a humanidade, entre a “união com *Deus*” e a “união com um *homem*”.

Este homem, porém, é *Deus*, e a meta de toda a história da salvação, aquilo que Deus Se propõe como *fim* de toda a Sua obra é a união de todas as criaturas com este homem-Deus, isto é, com o Filho encarnado, crucificado e ressuscitado, e n’Ele. O Apocalipse chama este fim “as *núpcias do Cordeiro*”, a união perfeita entre Cristo como o *Esposo* e a Igreja (toda a humanidade redimida) como *Esposa* (cf. *Ap* 19,7-9; cc. 21-22). O Apóstolo Paulo fala deste mistério de união chamando a Igreja a “*Esposa*” e o “*Corpo*” de Cristo (cf. *Ef* 5,23-32; *1 Cor* 12,12-13.27). Além disso, ele afirma que o desígnio eterno de Deus a respeito de todas as Suas criaturas é o de uni-las todas “*em Cristo*” (cf. *Ef* 1,9-10).

A conclusão disso é que *toda a autocomunicação divina às criaturas pelo envio do Filho e do Espírito Santo tem como meta essas “núpcias do Cordeiro”, a perfeita união do “Esposo”, que é o homem-Deus Jesus Cristo (não a segunda pessoa divina prescindindo da Sua natureza humana), e da “Esposa”, que é a Igreja chegada à sua última perfeição. Isto não contradiz, de modo algum, a afirmação de que a “extensão” da auto-*

comunicação intradivina às criaturas tem por efeito e meta a comunhão das mesmas com a Santíssima Trindade, com cada uma das três pessoas divinas. Tal comunhão ou tal participação da comunhão da Santíssima Trindade se realiza exatamente com a realização das “núpcias do Cordeiro” (primeiro de forma inicial e então de modo perfeito e eterno): esta união com Cristo Esposo é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, união com Deus; não se realiza, com efeito, sem a *comunhão com a pessoa do Espírito Santo* (cf. a virtude teologal do amor como “participação do Espírito Santo”) e não é simplesmente união com Cristo-*homem*, mas é também união com *Deus*, pois este homem é Deus, Deus *Filho*. E como o Filho está no Pai e o Pai no Filho, assim também quem está no Filho e em quem Ele está, este está também *no Pai*, em *comunhão com o Pai*.

A comunhão com a pessoa de Cristo é, portanto, comunhão com uma das três pessoas divinas, exatamente com aquela que, por Sua encarnação, *faz parte* do universo das *criaturas*. Como pessoa divina, Cristo é puríssimo espírito; como homem, se compõe de alma espiritual e de corpo material. A união ou comunhão com esta pessoa do Filho encarnado se efetua, por conseguinte, não somente no nível *espiritual*, mas envolve também o *corpo material*. A pessoa divina, com efeito, Se colocou no nível das criaturas, não das criaturas que são puros espíritos, mas daquelas que são uma união substancial de espírito e matéria: a pessoa divina Se fez *homem*.

Deste modo, existem as seguintes possibilidades de união com a pessoa do Filho encarnado:

- a união com a pessoa do Filho enquanto *Deus*, por uma “participação da natureza divina” (cf. *2 Pd* 1,4: “participantes [κοινωνοί] da natureza divina”); esta união pela “graça santificante” chega à sua perfeição pela visão imediata da pessoa divina;
- a união com a pessoa do Filho enquanto *homem*, por uma “participação do corpo (sangue) de Cristo” (cf. *1 Cor* 10,16: “comunhão com o corpo (sangue) de Cristo” – κοινωνία τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ).

As “núpcias do Cordeiro” designam a realização de uma e de outra possibilidade de união com Cristo e em Cristo, das *duas juntas*. Assim, os homens podem ter uma união com Deus que envolve plenamente também a componente material de sua substância, isto é, seu corpo. É uma união misteriosa de corpo com corpo, de substância humana com substância

humana. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6,56). Esta união, realizada nesta vida através do sacramento da Eucaristia, não é apenas um meio para aumentar a graça santificante (em sentido amplo) em vista da futura união perfeita com as pessoas divinas na visão imediata, mas se destina a uma *união-comunhão perfeita* – que já não será sacramental (por meio de um sinal eficaz) – *com Cristo, o Filho encarnado*, na vida eterna. Na verdade, a união eucarística com Cristo é já uma certa antecipação do “banquete das núpcias do Cordeiro” (Ap 19,9), mas é tal antecipação *em vista da realização perfeita*, à qual se refere o livro do Apocalipse.

2. O alcance universal da missão própria e específica do Filho

Nesta altura da nossa reflexão sobre o papel próprio e específico da missão do Filho, surge uma questão: a autocomunicação do Filho encarnado se destina exclusivamente às pessoas *humanas* ou tem um alcance verdadeiramente *universal*, isto é, se refere também aos *santos anjos*?⁴⁴

Para responder a esta pergunta, é necessário considerar a finalidade da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. Vimos que esta missão é uma “extensão” ou “prolongamento” da autocomunicação intradivina e, assim, da comunhão da Santíssima Trindade às criaturas. Também já foi esclarecido que a missão do Espírito Santo está sempre conjugada e *ordenada à missão do Filho*.

Ora, a autocomunicação do Espírito Santo, como pessoa divina enviada às pessoas criadas, se realiza por aquela transformação divinizante que é a “graça santificante” ou “participação da natureza divina”. Esta transformação alcança sua perfeição com a “luz da glória”, ou seja, aquela transformação divinizante final que capacita a pessoa criada para a visão imediata da pessoa divina, que é união-comunhão com Deus. Os santos anjos já se encontram neste estado perfeito da visão imediata de Deus. Neste sentido, a missão do Espírito Santo neles já está plenamente realizada.

Precisa-se, porém, considerar ainda outro dado: os santos anjos receberam o dom perfeito do Espírito Santo *em vista de Cristo, em depen-*

⁴⁴ Neste artigo não consideramos o efeito da missão do Filho para o universo das criaturas meramente materiais, mas somente para as criaturas que são pessoas.

dência da missão d’Ele⁴⁵; também com relação aos santos anjos vale a afirmação de que a missão do Espírito Santo está ordenada à do Filho. Isto significa que *a presença do Espírito Santo nos anjos se ordena à união deles com Cristo* (e, em Cristo, com o Pai). Será que se ordena somente à união deles com Cristo como Deus e não também à sua união com Cristo como *homem*?

Com relação aos *homens*, não pode haver dúvida alguma: para eles, a presença do Espírito Santo – portanto, Sua missão – é condição não somente para a sua união com Cristo como Deus, mas também como homem. Em termos de catequese: para a união com o Filho de Deus encarnado (“carne”, “sangue”) pela Sagrada Comunhão eucarística (“participação do corpo e sangue de Cristo”) requer-se o estado de graça (graça santificante, amor teologal). Não há dúvida, a união com o Espírito Santo *se ordena à união com Cristo, homem-Deus*.

Para os santos anjos não poderá valer a mesma coisa? Em outras palavras: a missão própria e específica do Filho, Sua autocomunicação como meta do seu envio por parte do Pai, se refere somente aos homens, não aos anjos? Como combinaria isso com os dados seguintes?

- Os anjos foram criados *em vista de Cristo, para Ele* (cf. *Cl* 1,16); Cristo é o *centro* também do mundo angélico (cf. *CIC* n. 331).
- “Tudo o que existe no céu e na terra”, portanto também os anjos, deve ser unido em Cristo (cf. *Ef* 1,9-10).
- Os santos anjos não ficarão estranhos – ficando “fora” – à “plena realização do mistério de Deus” (cf. *Ap* 10,7), que são as “núpcias do Cordeiro” (*Ap* 19,7.9). De fato, na consumação de tudo (cf. *Ap* 21,5-6), à “Esposa do Cordeiro”, a nova Jerusalém (cf. *Ap* 21,9), pertencem também os santos anjos (cf. *Ap* 21,12).
- Os santos anjos têm um verdadeiro “desejo” de conhecer (experimentalmente) a comunhão dos homens (fiéis) com Cristo, segundo a afirmação de *I Pd* 1,12.⁴⁶

⁴⁵ Cf. nota de rodapé n. 19.

⁴⁶ Cf. a análise desta afirmação nesta revista: N. THANNER, *A Consumação do “Mistério de Cristo”: A União de todas as Criaturas em Cristo segundo o Modelo Divino Trinitário e através da Eucaristia: Sapientia Crucis* 9 (2008) 199-201.

Tudo isso, portanto, indica que a autocomunicação de Cristo, o Filho encarnado, se destina, pelo menos em sua realização perfeita ou final, a *todas as pessoas criadas*⁴⁷, não somente aos homens, mas também aos anjos – para uma união-comunhão perfeita de todas elas com Cristo e, entre elas, em Cristo.

Uma objeção poderá provir do fato de que Cristo Se fez homem e tem, por conseguinte, a mesma natureza dos homens, alma e corpo, enquanto os anjos não têm corpo. Por que, então, uma união dos anjos, que são puros espíritos, com o corpo de Cristo (a graça da “participação do corpo de Cristo”)? É necessário considerar que não é qualquer corpo humano, mas é o corpo humano *de Deus*. Uma união com o corpo de Cristo é uma união com Deus que não é a mesma coisa como a união com Deus pela visão imediata de Deus. Tal união é, por parte dos santos anjos, uma *participação da união dos homens com Cristo*. É uma união *possível*, embora os santos anjos não tenham corpo, pois aquela “participação do corpo de Cristo”, da qual fala o Apóstolo Paulo, não deve ser entendida como se fosse simplesmente o contato do corpo humano do fiel com o corpo de Cristo (que, aliás, não está presente através da extensão quantitativa de Seu corpo). Neste caso, de fato, não seria possível. Mas a graça da “participação do corpo de Cristo” por parte do fiel se refere, até mesmo em primeiro lugar, à alma do fiel e não somente ao corpo.

Se também os santos anjos são, de tal modo, unidos a Cristo-homem, que é o “Esposo”, eles *participam verdadeiramente e plenamente das “nupcias do Cordeiro”* e a *união* de homens e anjos *em Cristo* será propriamente *perfeita*, uma vez que a comunhão deles com Cristo será essencialmente *a mesma*⁴⁸. A única “Esposa” (unidade composta de muitas pessoas) estará unida ao seu “Esposo” divino-humano.

⁴⁷ Obviamente, a todas aquelas que não se negam a esta autodoação de Cristo.

⁴⁸ A comunhão *sobrenatural* com Cristo será essencialmente a mesma, permanecendo a diferença quanto à comunhão pela *mesma natureza humana*, a qual, evidentemente, os anjos não podem ter.

Resumindo

O mistério de Deus Uno e Trino é mistério de *amor: autocomunicação integral e comunhão total*. É o amor em sua perfeição infinita.

A obra de Deus consiste em comunicar este Seu mistério de amor e se pode sintetizá-la da seguinte maneira: “*extensão*” da *autocomunicação intratrinitária* para “fora”, isto é, para as criaturas criadas por Deus para receberem Sua autocomunicação, e a *comunhão* das criaturas com Deus e, entre elas, em Deus.

Esta autocomunicação divina com a conseqüente comunhão se realiza pela *missão conjunta do Filho e do Espírito Santo*, das duas pessoas procedentes na divindade, sendo que a missão do Espírito Santo *se ordena à do Filho*.

Obra-prima das duas missões divinas é Maria, a Virgem-Mãe de Deus. Ela é o *ápice* da missão do Espírito Santo a uma pessoa criada e, como tal, ela é a pessoa à qual o Filho Se pode comunicar com o máximo dom possível, a saber, doando-Se a ela como *seu filho* e para uma *singular comunhão* interpessoal consigo.

A Igreja se origina da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo, sendo dela o “*sacramento*”, isto é, sinal (que contém o que significa) e instrumento da *autocomunicação de Jesus Cristo, no Espírito Santo*, aos que crêem. A *finalidade* desta autocomunicação divino-humana do Filho encarnado – e, assim, de toda a atividade da Igreja – sempre é a *comunhão* dos homens *com Deus Uno e Trino e n’Ele*; é fazer os membros da Igreja participar da comunhão que existe entre o Pai e o Filho em Seu Espírito de amor.

Este mistério de comunhão com a Santíssima Trindade e n’Ela, isto é, a Igreja, se realiza exatamente pela comunhão com o *Filho feito homem*. Por isso, toda a autocomunicação divina às criaturas pelo envio do Filho e do Espírito Santo tem por meta as “*núpcias do Cordeiro*”, a perfeita união do “*Esposo*”, que é o homem-Deus Jesus Cristo, e da “*Esposa*”, que é a Igreja chegada à sua última perfeição. A esta esposa perfeita pertencem então também os santos anjos, pois a presença perfeita do Espírito Santo neles *se ordena à união com Cristo*; não somente à união com Cristo como Deus, mas também como *homem*, como “*Esposo*” daquelas

“núpcias” que são a meta de toda a autocomunicação divina às criaturas pela missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.

Nathanael Thanner ORC

Índice

I. Deus que é Amor: mistério de autocomunicação integral e de comunhão total	7
1. Deus: mistério de perfeita autocomunicação e comunhão.....	7
2. Deus: mistério de amor	9
II. A obra de Deus: comunicar Seu mistério de amor pelo envio do Filho e do Espírito Santo.....	13
1. A processão das criaturas de Deus Criador: o fundamento para a autocomunicação de Deus “para fora”	13
2. Deus “estende” a autocomunicação intradivina às criaturas: o envio do Filho e do Espírito Santo	16
III. A imaculada Virgem e Mãe de Deus: a obra-prima da missão do Filho e do Espírito Santo	23
IV. A Igreja, fruto da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.....	27
1. A Igreja, sacramento da missão do Filho e do Espírito Santo.....	27
2. A existência e edificação da Igreja pela autocomunicação de Jesus Cristo, no Espírito Santo, aos homens.....	28
a) <i>O que</i> Jesus comunica?.....	29
b) <i>Como</i> Jesus realiza e garante a Sua autocomunicação?	32
3. A finalidade de toda autocomunicação divina pela missão do Filho e do Espírito Santo na Igreja e pela Igreja: a comunhão com a Santíssima Trindade e n’Ela	35
V. O papel próprio e específico da missão do Filho.....	38
1. O papel próprio e específico da missão do Filho: ser o “Esposo”	38
2. O alcance universal da missão própria e específica do Filho	42
Resumindo	45